

Dupla deficiência, dupla solução

Métodos inovadores para alunos com mais de uma deficiência

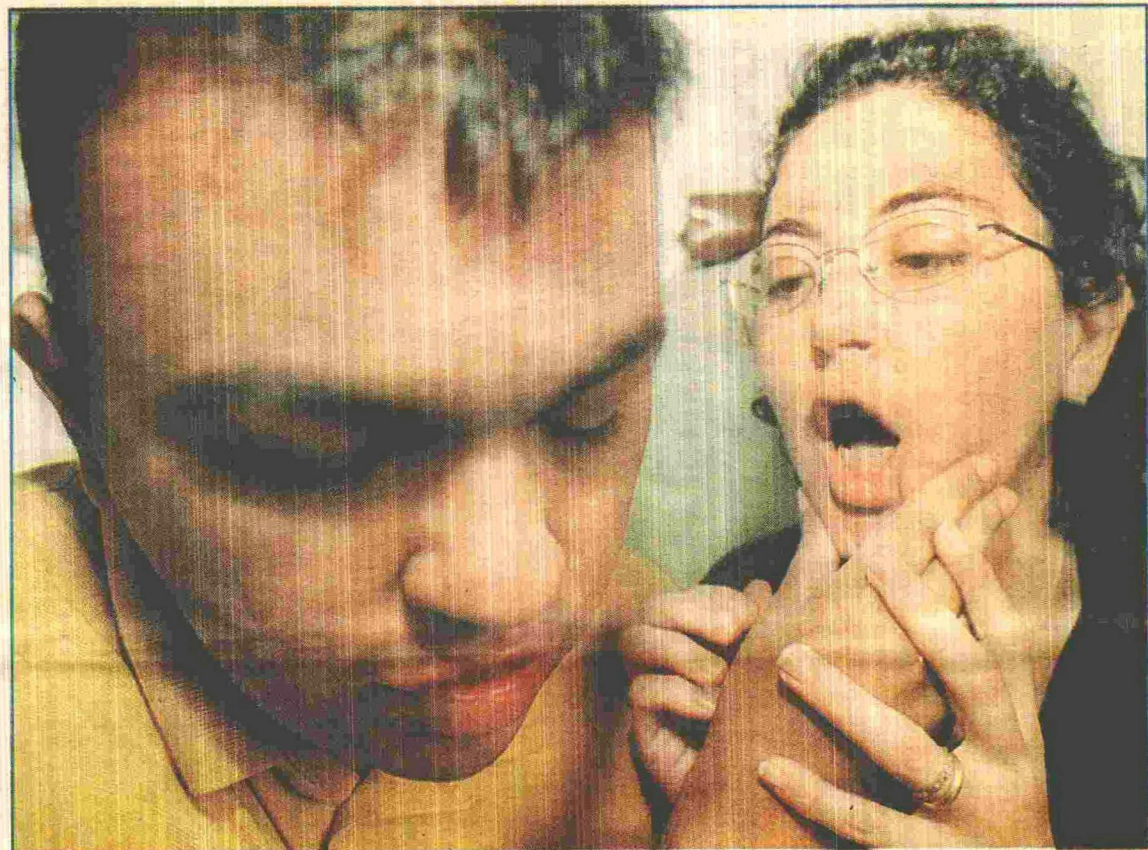
Atar o cadarço do tênis é lição básica. Poucos se lembram de um dia terem tido dificuldade em aprender. Menos ainda dizem abertamente que tal aprendizado mudou sua rotina. Aumentou a qualidade de vida. Trouxe independência e reduziu uma impertinente estatística pessoal de tombos.

Quando dois dos cinco sentidos nos faltam, contudo, a narrativa é outra. José Ricardo Lima, de 27 anos, é deficiente auditivo e visual. Por não ouvir, não se encaixou, durante bom tempo, nas aulas de orientação e mobilidade ministradas aos cegos no Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais, na 612 Sul. Só recentemente conseguiu ser integrado ao processo.

"A pessoa precisou de duas horas para me ensinar. E foi de grande relevância. Eu não esperava mais aprender a amarrar o sapato. Agora me sinto à vontade para andar sozinho. O deficiente não é coitado. Basta termos chances para mostrar que podemos ser independentes", afirma, fluente, José Ricardo, que tem 20% de audição no ouvido esquerdo.

INOVAÇÃO - Interessado em cursar filosofia, ele é um dos 46 surdocegos identificados pela Secretaria de Educação do DF. Um grupo com jeito de desafio. É recente o trabalho com essa dupla restrição no País. Teve início, segundo a professora Fatima Cader Nascimento, em 1960, na capital paulista. Em Brasília, engatinha. As primeiras experiências datam de 1998.

Assim, é comum que tanto instituições quanto professores estejam em processo de aprendizado. A consequência é que o preconceito ainda propicia avaliações errôneas. "Não é raro o surdocego ser visto como caso psiquiátrico ou de deficiência mental. Como natural-



Deficiente auditivo e visual, José Ricardo, de 27 anos, ganhou independência nas aulas de orientação

mente as dificuldades de comunicação deles são mais graves, é usual o comportamento ganhar características de agressividade ou depressão", explica Fatima.

Ela aposta na comunicação em diversificados métodos. Seja na Escola Classe 114 Sul ou em estabelecimentos de ensino no Paranoá, Ceilândia, Taguatinga e Samambaia. Um deles é o braille digital, adaptação do sistema de Libras utilizado entre surdos. É feito sobre as mãos do surdocego. Um manipulando a mão do outro e buscando cognição por formação de letras e palavras. Outra variável possível, quando já há entendimento de alfabeto, é desenhar as maiúsculas na palma da mão.

TADOMA - Ferramenta útil no processo é o sistema batizado de Tadoma. Numa definição simplista, trata-se de um método de percepção da fala pela vibração. Com as mãos postadas próximas à boca do interlocutor, é possível relacionar o formato dos lábios e a vibração do som produzido para ensinar o surdocego até a pronunciar palavras que nunca ouviu.

O nome Tadoma surgiu no ambiente acadêmico a partir dos estudos da professora americana Sophie Alcorn na Escola Perkins para cegos, em Massachusetts (EUA). A expressão deriva do nome de duas crianças surdocegas: "Tad" Chapman e "Oma" Simpson.

É uma atividade paciente, lenta, que exige dedicação das duas par-

tes. E uma integração bastante afinada com a família, parte determinante no êxito do processo. Desde a fase batizada de "nutrição", em que o interlocutor, no caso o professor, tem de estabelecer uma relação afetiva mínima, por meio do toque, até a fase em que se consegue estabelecer padrões de comportamento e significação de objetos e atividades.

"Comunicação é poder. É dar autonomia. As pessoas ainda fazem muito a opção por um só sistema. Na minha opinião, o uso simultâneo de várias técnicas permite estimulação mais intensa da atividade cerebral", defende Fatima, pedagoga de formação e mestre em educação de surdos pela UnB.